

**“NECROPOLÍTICA”, DE ACHILLE MBEMBE**

**“Nrcropolitic”, by Achille Mbembe**

Alexis Azevedo de Jesus

O conceito de Necropolítica, cunhado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe, tem sido fonte de intensa discussão e produção teórica nas universidades. Mbembe é professor de história, ciência política e pesquisador sênior no Instituto de Investigação Econômica e Social da Universidade·de Witwatersrand. Produziu diversas obras, tais como, “Políticas da inimizade” (2017), “Crítica da razão negra” (2018), “Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada” (2019), sendo o texto “Necropolítica” (2003) a mais conhecida entre suas produções.

Para o professor Silvio Almeida, autor de Racismo Estrutural (2020) e um dos maiores intelectuais negros em atividade no Brasil, Mbembe

é um dos mais influentes pensadores do nosso tempo. Sua reflexão parte da obra de Frantz Fanon para romper tanto com a lógica colonial que ainda preside a constituição do mundo como com os essencialiamos que marcam algumas formas de pensar a África. (ALMEIDA, 2020)

Nesses termos, a resenha busca contribuir com a discussão pública. Ao final, sugerimos elementos que possam justificar a aderência desse debate no meio acadêmico e uma reflexão sobre seu necessário aprofundamento.

**Breve panorama da Necropolítica**

O texto está dividido em cinco partes: 1)“Política, o trabalho da morte e tornar-se sujeito”; 2)“O biopoder e a relação de inimizade”; 3)“Necropoder e ocupação colonial na modernidade tardia”; 4)“Máquinas de guerra e heteronomia”; 5)“De movimento e metal”.

Na primeira parte, Mbembe discute filosoficamente a morte e sua relação com a soberania a partir de Hegel e Bataille, definindo que a luta contra a morte constitui o sujeito. “Tornar-se sujeito, portanto, supõe sustentar o trabalho da morte (p. 125). Contudo, em Bataille, aponta deslocamentos na compreensão de Hegel e indica que a “soberania definitivamente demanda o risco de morte”.

No segundo momento, retoma a discussão de biopoder e racismo em Foucault e apresenta o debate da fusão entre razão e terror na modernidade, indicando como exemplo o processo histórico da revolução francesa, bem como uma crítica à Marx e o comunismo no sentido do terror revolucionário. Todavia, “qualquer relato histórico do surgimento do terror moderno precisa tratar da escravidão” (p. 130). Nesses termos Mbembe apresenta uma construção teórica sobre o escravo e indica que a colônia é uma “formação de terror”.

Em suma, as colônias são zonas em que guerra e desordem, figuras internas e externas da política, ficam lado a lado ou se alternam. Como tal, as colônias são o local por excelência em que os controles e as garantias de ordem judicial podem ser suspensos – a zona em que a violência do estado de exceção supostamente opera a serviço da “civilização”. Da negação racial de qualquer vínculo comum entre o conquistador e o nativo provém a constatação de que as colônias possam ser governadas na ilegalidade absoluta. (p. 133)

Com base nas discussões acerca da morte, soberania e colônia, na terceira parte, caracteriza que é no espaço da ocupação colonial tardia que o necropoder opera. Mas, a ocupação colonial tardia não se resume ao necropoder. É, na verdade, uma “combinação disciplinar, biopolítica e necropolítica”. (p. 135, 136).

A palestina seria então o principal exemplo de ocupação colonial contemporânea. “A forma mais bem sucedida de necropoder” (p. 136). Há de forma bastante esclarecedora uma descrição da violência operada na ocupação colonial tardia, com informações sobre os campos de batalhas, subsolo, uso de tecnologia e técnicas de inabilitação do inimigo conduzindo uma “guerra infraestrutural” nesses territórios.

No quarto tópico, Mbembe analisa que o exército regular já não monopoliza o direito de matar. Agora são “milícias urbanas, exércitos privados, exércitos de senhores regionais, segurança privada e exércitos de Estado que proclamam o direito de exercer violência ou matar.” (p. 139) Então, introduz o conceito de “máquina de guerra” de Deleuze e Guattari.

Essas máquinas são constituídas por segmentos de homens armados que se dividem ou se mesclam, dependendo da tarefa e das circunstâncias. Organizações polimorfas e difusas, as máquinas de guerra se caracterizam por sua capacidade de metamorfose. Sua relação com o espaço é móvel. Algumas vezes, desfrutam de relações complexas com formas estatais (da autonomia à incorporação). O Estado pode, por si mesmo, se transformar em uma máquina de guerra. Pode, ainda, se apropriar de uma máquina de guerra ou ajudar a criar uma. (p. 140)

Finalmente, no quinto e último tópico, Mbembe estabelece uma reflexão sobre o “sobrevivente”, aquele que “tendo percorrido o caminho da morte, sabendo dos extermínios e permanecendo entre os que caíram, ainda está vivo.” (p. 142). A partir de Gilroy, também reflete a morte como possibilidade de liberdade, sugerindo que a morte pode ser representada “como agenciamento, já que a morte é precisamente aquilo por que e sobre o que tenho poder. Mas também é esse espaço em que a liberdade e a negação operam.” (p. 146).

A conclusão passa pela caracterização de que *a noção de biopoder é insuficiente para explicar as formas contemporâneas de subjugação da vida ao poder da morte,* pois agora convivemos com *“mundos de morte”,* nos quais *“vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o  
status de “mortos-vivos”.*

A contribuição de Mbembe atualiza e amplia a reflexão filosófica em um mundo extremamente autoritário e violento, no qual as populações em todo o globo lutam para escapar das mazelas de um sistema em crise, considerando as guerras, migrações forçadas, extermínio de comunidades negras em diversos países, enfim, um verdadeiro mundo de morte.

**Considerações finais**

Sugerimos que o conceito tem encontrado grande aderência acadêmica por conta de duas questões importantes. Uma primeira questão diz respeito à aproximação da ciência brasileira com teorias pós-estruturalistas, pós-coloniais, momento em que há uma maior atenção aos autores africanos, o que inclui Achille Mbembe. Um segundo elemento, trata da semelhança com nossa realidade nacional, considerando a descrição feita por Mbembe da violência em Gaza/Cisjordânia, mas que poderia ser facilmente visualizada em grande parte das periferias brasileiras.

Por fim, como observação crítica e sugestão de pesquisa, registro que Mbembe conceitua a necropolítica, contudo, não justifica como chegamos até esse momento histórico. Como chegamos até a necropolítica? O que aconteceu, para estarmos diante da criação de *campos da morte?* Mbembe descreve a necropolítica, mas não justifica o seu surgimento histórico.

A busca por essa explicação pode abrir um profícuo campo de pesquisa para pensarmos o desenvolvimento do capitalismo e suas diversas formas sociais e expressões. Sugerimos pensar essa possibilidade a partir dos apontamentos de Hilário (2016) e Cardoso (2018) que relacionam a necropolítica com a crise estrutural do capital. Poder-se ia indicar, assim, a crise capitalista como base material para o surgimento histórico da necropolítica. Assim, indicamos uma aproximação da discussão da necropolítica com a crítica da economia política, como caminho de aprofundamento da reflexão.

**Referência**

Almeida, , Silvio Luiz de. (2018). O que é racismo estrutural. Belo Horizonte:Coleção Feminismos Plurais. Ed. Letramento. MG.

Almeirda, Silvio. (2020). Disponível em:

https://twitter.com/silviolual/status/1237517479255007234?s=20&t=XebrmqphA2s-lFO3vHcWZQ

Cardoso, Francilene. (2018) Racismo e necropolítica: a lógica do genocídio de negros e negras no Brasil contemporâneo. Revista de Políticas Públicas. V. 22. 2018.

Hilário, Leomir. (2016). Da Biopolítica à necropolítica. Variações Foucaultianas na periferia do capitalismo. Sapere Aude. V. 7. nº 13. 2016.

Mbembe, Achille. (2003) Necropolítica. 2003. Disponível em: [https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169 Acessado em 20/01/2023](https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169%20Acessado%20em%2020/01/2023)